

VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM MAPEAMENTO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO EM UM MUNICÍPIO DA SERRA GAÚCHA

Rubia Paula Bamberg

Resumo

A violência nas escolas é um tema contemporâneo e se apresenta através de diferentes expressões, sendo decorrente de múltiplas causas. O objetivo deste trabalho é o de mapear a violência e seus impactos em escolas municipais de ensino fundamental em um município da Serra Gaúcha, tomando por base as representações dos alunos. Para tanto, foram aplicados questionários e analisados os dados coletados, permitindo apontar inter-relações e tendências a respeito deste tema. O instrumento de coleta teve como alvo alunos do 5º ao 9º ano. Para as análises foram ainda utilizados autores que abordam o tema da violência nas escolas, questões de gênero e também abordagens de cunho filosófico, buscando os diferentes olhares e concepções acerca desta importante temática que afeta a sociedade. Os resultados contribuem para suscitar e aprimorar discussões acerca da violência no ambiente escolar, com uma análise centrada nas opiniões e percepções daqueles que se pode afirmar que são os principais atores nestes processos, os próprios alunos, por vezes agressores e por vezes agredidos.

Palavras-chave: Cotidiano escolar; Violência escolar; Escola contemporânea.

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

A violência na contemporaneidade ocorre em todos os espaços da sociedade, afetando todas as classes sociais. Trata-se de um fenômeno abrangente, multidimensional e complexo, permeado de significados e não existindo uma só origem que o explique. A escola é a porta de entrada de diversas problemáticas que afligem a sociedade, como a violência, por exemplo. Além de seu papel formador, a escola também precisa lidar com conflitos, com esperanças e possibilidades e, com isso, recebe e vislumbra uma série de contradições presentes na sociedade.

Diferentes expressões e múltiplas causas caracterizam o fenômeno da violência escolar. No Brasil tem ganhado relevância em decorrência do aumento do número de casos divulgados pelas mídias, bem como, da complexidade que os acompanha. Pigatto (2010, p.304) lembra que “a violência na escola não pode ser trabalhada como fenômeno isolado, já que é parte integrante de um processo mais amplo que diz respeito a toda uma conjuntura social”. Ainda para Pigatto (2010, p. 35) a escola como instituição de ensino “vem sentindo os reflexos de uma geração infanto-juvenil que está crescendo influenciada por imagens de comportamento violento, agressivo, criminoso e instável”. Já Garcia (2009), assinala que

atualmente as escolas estão vivendo uma tensão e, desta forma, necessitam de um processo de mudança. Há que se considerar que a violência é um tema complexo e que engloba muitas implicações e, desta forma, não se pode recorrer a um único conceito, pois conforme Minayo e Souza:

[...] violência consiste em ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual. Na verdade, só se pode falar de violências, pois se trata de uma realidade plural, diferenciada, cujas especificidades necessitam ser conhecidas. (MINAYO e SOUZA, 1998, p. 514).

Garcia (2009), destaca que ainda há muitos desafios e a necessidade de mudanças de paradigmas. Ademais, existem outras questões que interferem neste contexto, como as relações de tensão e poder, onde:

Devemos sempre estar conscientes, ao analisar o fenômeno da violência na escola, de que estamos falando em face de uma relação professor/aluno, na qual este está desfavorecido em uma relação de poder, pois a violência, ao contrário do senso comum que criminaliza o infante, produz vítimas justamente entre as crianças e os adolescentes. (SANTOS, 2001 p.107).

Santos (2001, p.107) complementa ainda que “a violência configura-se como um dispositivo de controle, aberto e contínuo”.

Ainda é possível perceber um processo de educação por vezes excludente, permeado de preconceitos e que em alguns momentos não está aberto às novas relações sociais vivenciadas nas últimas décadas. Essas questões refletem-se nas relações escolares, inclusive dentro das salas de aula, onde professores por vezes apresentam dificuldades em lidar com essa realidade social.

Ainda, é na escola que diversas vezes o aluno se depara com a exclusão, seja por parte do professor, dos funcionários, ou dos próprios colegas. A falta de oportunidades iguais manifesta-se, por exemplo, nas dificuldades de aprendizado e também na falta de suporte emocional para enfrentar essas adversidades, pois nem sempre a família participa da vida escolar dos seus filhos, deixando a responsabilidade para a escola.

Neste contexto, o objetivo deste trabalho foi o de mapear a violência e seus impactos em escolas municipais de ensino fundamental em um município da Serra Gaúcha, tomando por base a percepção dos alunos, tendo em vista que estes são os que mais sofrem os efeitos deste fenômeno. Buscou-se identificar as diferentes problemáticas que emergem a partir das representações e percepções destes atores. Assim, entende-se que este trabalho

irá contribuir para que se busque uma melhor e mais ampla compreensão acerca do fenômeno da violência escolar, bem como permita intercruzamentos futuros com outras variáveis relevantes com o foco de buscar alternativas cada vez mais eficazes para o enfrentamento destas questões.

2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

A realização da pesquisa orientou-se pela aplicação de questionário estruturado com vinte e três questões contendo perguntas fechadas, de múltipla escolha e abertas. A população pesquisada teve como foco os alunos do ensino fundamental matriculados entre os 5º e 9º anos de escolas municipais.

A rede municipal de ensino do município em questão divide-se em cinco regiões administrativas e, sendo assim, optou-se por aplicar a pesquisa em uma escola de cada região. Contudo, os resultados analisam somente as respostas de quatro das escolas, devido ao fato de que em uma delas não se obteve retorno dos instrumentos aplicados.

A coleta de dados através de questionários configura-se, conforme Gil (2010, p.121), uma “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, [...]”. Para o mesmo autor “Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas”.

Para tanto, após convalidar e cumprir com as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa, foram entregues aos alunos, menores de idade, um TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para que apresentassem aos seus responsáveis e estes, após lerem e estando de acordo com que seu filho respondesse ao questionário, autorizassem a participação do mesmo.

Para a validação do instrumento de pesquisa (questionário) foi aplicado um pré-teste. Nesta fase foram entregues 30 TCLEs para 30 alunos, porém apenas 10 alunos devolveram os mesmos assinados pelos seus responsáveis, atingindo assim a amostra mínima necessária, conforme recomendam alguns autores. Os questionários foram aplicados para estes 10 alunos do 6º ano de uma escola que não participou da pesquisa final. O objetivo desta fase foi o de verificar alguma inconformidade ou falta de compreensão nas questões propostas. Não tendo sido relatada nenhuma grande dificuldade pelos respondentes, o questionário foi considerado validado para a aplicação em grande

escala. Verificou-se que os alunos levaram em torno de 10 a 15 minutos para responderem as questões.

Após esta primeira fase foram escolhidas as escolas participantes aleatoriamente observando apenas uma escola de cada região. Em seguida, foram realizados contatos telefônicos e agendadas visitas às escolas para apresentar a proposta de pesquisa. No total foram entregues 700 TCLEs, já prevendo que parte não retornaria. Conforme já previsto, o retorno dos TCLEs restringiu o alcance da pesquisa para um total de 132 participantes. Neste primeiro momento, atendendo às exigências do Comitê de Ética, foram recolhidos e arquivados os TCLEs, devidamente assinados pelos responsáveis.

Definido o quantitativo de participantes, foi realizada uma nova visita à escola para a entrega dos questionários aos diretores das mesmas. Estes, por sua vez, repassaram as orientações aos professores que reuniram os participantes em uma sala e lhes entregaram os questionários para serem respondidos.

Optou-se por fazer desta forma para otimizar o processo e partindo do pressuposto de que o questionário foi construído com um formato autoexplicativo, uma vez que continha as informações necessárias para que após sua leitura, o participante tivesse todas as condições de respondê-lo sem maiores dificuldades, conforme pôde ser observado no pré-teste. Após os alunos responderem foi realizada uma nova visita às escolas para a coleta deste material.

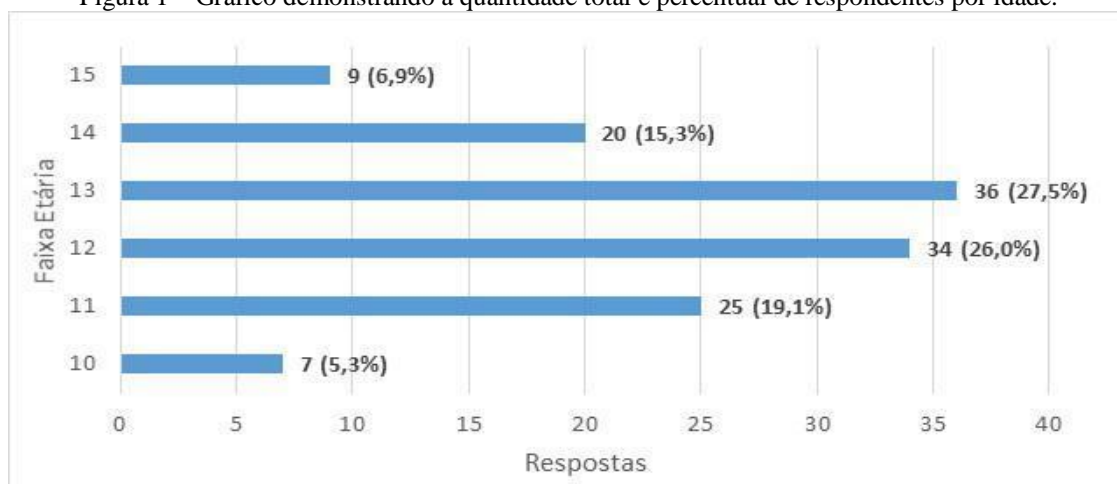
Com os questionários respondidos foi efetuada a tabulação dos resultados, organizados com o auxílio de uma planilha eletrônica que permitiu a realização de agrupamentos e quantificação dos mesmos. Por meio deste recurso, foi possível identificar variáveis e cruzamentos de interesse para posteriores análises quali-quantitativas, bem como a realização de tabelas sínteses e gráficos ilustrativos destes dos resultados.

3 PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES E APROXIMAÇÕES A PARTIR DO MATERIAL COLETADO

Para este trabalho, optou-se por apresentar e discutir os resultados encontrados para algumas das 23 questões submetidas aos alunos, sendo estas selecionadas devido as suas relevâncias perante o tema da violência nas escolas. Os demais resultados, bem com o intercruzamento dos mesmos, estão sendo objeto de pesquisa que serão consolidados em uma dissertação de Mestrado.

Como já destacado, os resultados referem-se à análise de 132 questionários devolvidos. Como uma primeira análise, destaca-se que 41,7%, ou seja, 55 dos respondentes foram meninos e 58,3%, ou seja, 77 respondentes foram meninas. As idades variaram entre 10 e 15 anos, e por meio do gráfico apresentado na Figura 1 é possível analisar como se distribuíram estes quantitativos.

Figura 1 – Gráfico demonstrando a quantidade total e percentual de respondentes por idade.

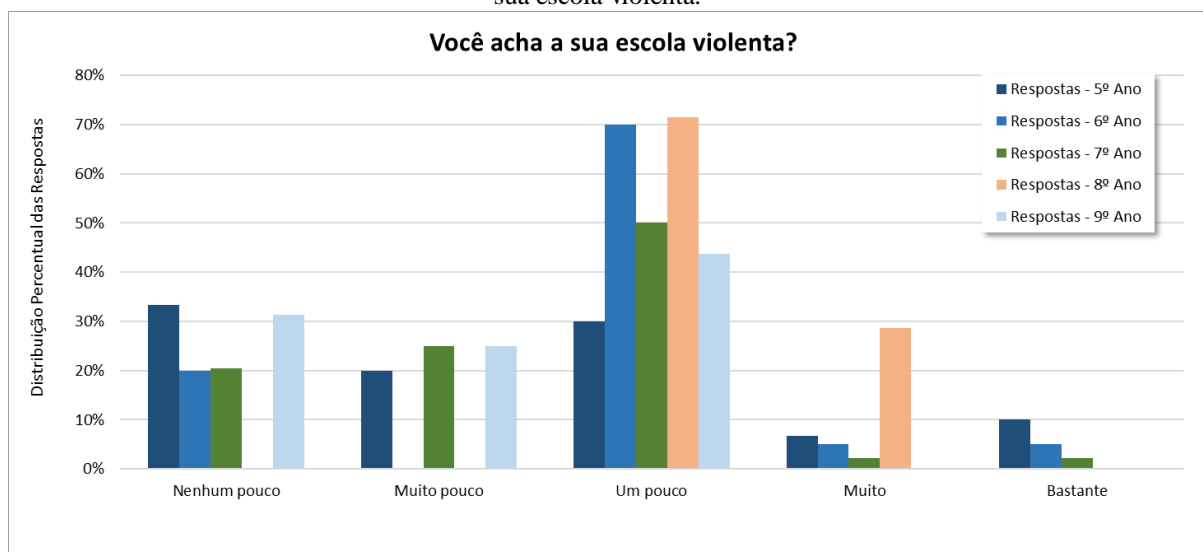


Fonte: elaborado pela autora.

Da análise do gráfico na Figura 1, percebe-se que a maioria dos respondentes estão entre os 12 e 13 anos de idade, representados por 26,0% e 27,5%, respectivamente. Ou seja, 53,5% dos 132 respondentes estão entre estas idades.

Diretamente vinculado ao tema, uma das perguntas do questionário foi elaborada no sentido de avaliar a percepção e as representações dos alunos quanto ao fato de sua escola apresentar características de violência. A pergunta feita foi: “Você acha sua escola violenta? ”, sendo que as respostas possíveis poderiam ser: “nenhum pouco”, “muito pouco”, “um pouco”, “muito” ou “bastante”. Estas respostas foram cruzadas com a distribuição por ano escolar dos respondentes, sendo que estes resultados podem ser visualizados no gráfico da Figura 2.

Figura 2 – Gráfico demonstrando a percepção dos respondentes, por ano escolar, referente ao quanto acham sua escola violenta.



Fonte: elaborado pela autora.

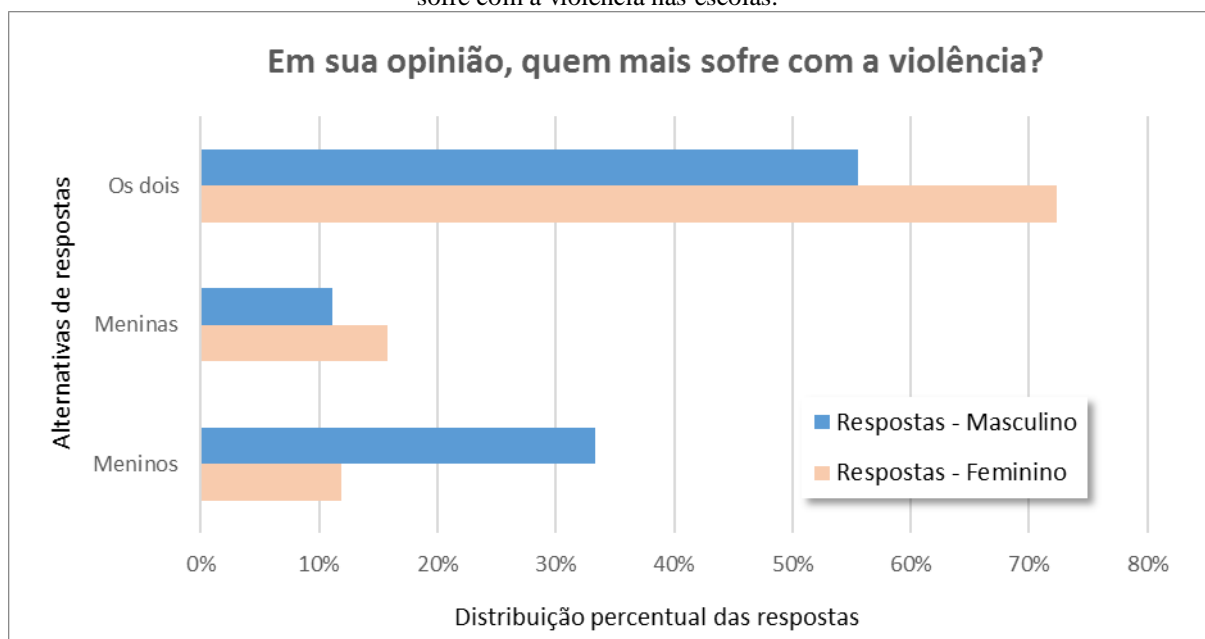
É possível analisar por meio dos resultados apresentados na Figura 2 que quase todos os respondentes de todos os anos escolares indicaram com maior intensidade a resposta de que acham sua escola “um pouco” violenta. Somente os respondentes dos 5º anos é que responderam ligeiramente a mais (33,3%) que entendem que sua escola é “nenhum pouco” violenta, comparando-se com os 30% deste mesmo ano que responderam “um pouco” violenta. Destaca-se também destes resultados que as respostas “muito” e “bastante” violenta receberam os menores quantitativos de respostas, com exceção para os 8º anos que apresentaram um quantitativo destacadamente maior, sendo que 28,6% dos respondentes deste ano entendem sua escola como sendo “muito” violenta.

Duas análises, neste caso, merecem ser destacadas e inclusive com a potencialidade de serem melhor exploradas em pesquisas futuras. A primeira é com relação ao fato de se avaliar e analisar qual a real percepção sobre a violência que estes alunos têm, para justificar ou compreender o fato de que somente uma minoria entende sua escola como muito ou bastante violenta. Por um lado, este pode ser visto como um bom resultado, porém, por outro lado, pode estar mascarando uma situação de violência real, mas que por estar tão vulgarizada, não mais esteja sendo percebida como uma manifestação de violência pelos próprios alunos, agressores e agredidos. Assim, se evidenciaria ao que alguns autores denominam de banalização da violência. A segunda análise a ser melhor explorada seria o fato de que destacadamente os alunos dos 8º anos são os que consideram as suas escolas como mais violentas, sendo que 28,6% responderam “muito” e 71,4% responderam “um pouco” violenta, ou seja, nenhum dos respondentes declarou “nenhum pouco” ou “muito

pouco” violenta. Há que analisar o perfil destes respondentes e das respectivas escolas, além das faixas etárias, para buscar correlações que tentem responder a esta situação.

Quando perguntados sobre qual o gênero que, na percepção deles, mais sofre com a violência verificou-se que, em comparação com as respostas de meninos e meninas, ambos apontaram com maior frequência que os dois sofrem com a violência no ambiente escolar, conforme evidencia o gráfico apresentado na Figura 3.

Figura 3 – Gráfico demonstrando a percepção dos respondentes, referente à opinião sobre qual gênero mais sofre com a violência nas escolas.



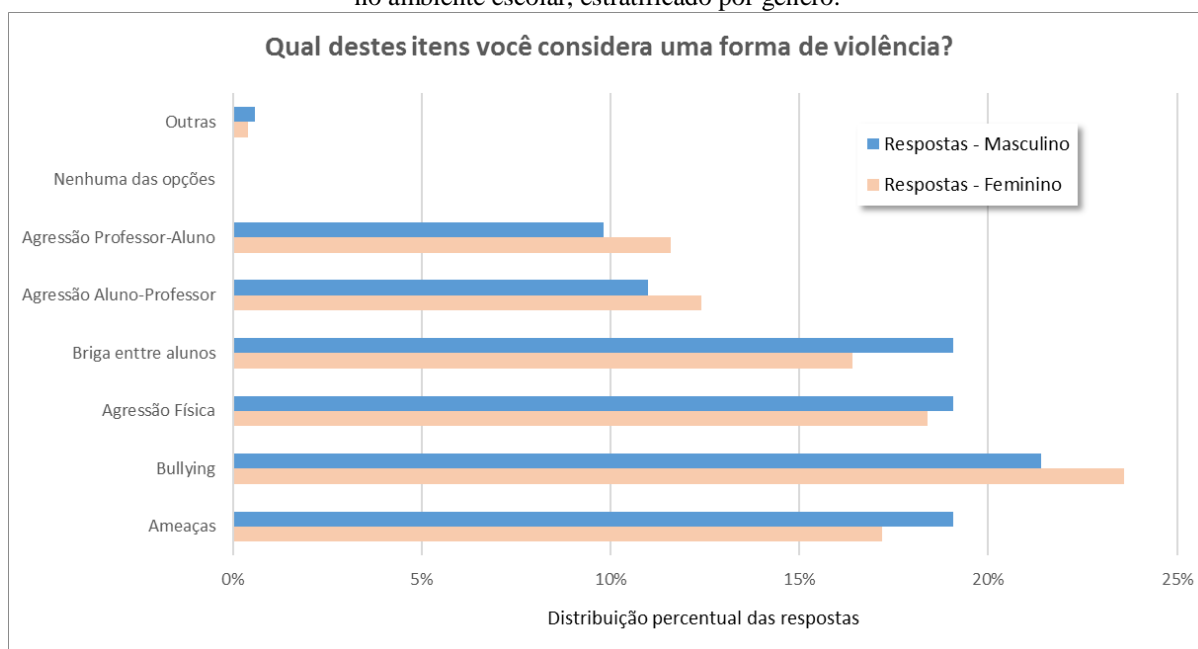
Fonte: elaborado pela autora.

É possível constatar que as percepções dos alunos por gêneros não se configuram homogêneas, ou seja, para os meninos as percepções mostram-se diferentes com relação às meninas. A maioria das meninas respondentes (72,4%) indicaram que ambos os gêneros sofrem mais com a violência, assim como a maioria dos meninos, porém em um percentual bem menor (55,6%) declaram a mesma resposta.

Estes resultados demonstram que esta situação merece uma melhor atenção a respeito das distintas manifestações de violência que também o gênero feminino vem sofrendo, o que não necessariamente se caracteriza por agressões físicas, mas por outras tipificações, fatores estes também explorados no questionário. Louro (1997) em suas análises sobre questão de gênero, afirma que existem muitas formas silenciadas de questões de gênero nas escolas que escondem-se na ausência da fala. Segundo a autora ainda existem papéis bem definidos do que é de cada gênero, do que podem ou não fazer, pois tal atitude está ligada ao gênero que está atuando.

Para contribuir com estas análises, foi também proposta uma pergunta em que os alunos pudessem marcar múltiplas respostas, opinando sobre o que consideram como formas de violência. As respostas obtidas estão sumarizadas no gráfico apresentado na Figura 4.

Figura 4 – Gráfico demonstrando a opinião dos alunos sobre quais itens consideram como formas de violência no ambiente escolar, estratificado por gênero.



Fonte: elaborado pela autora.

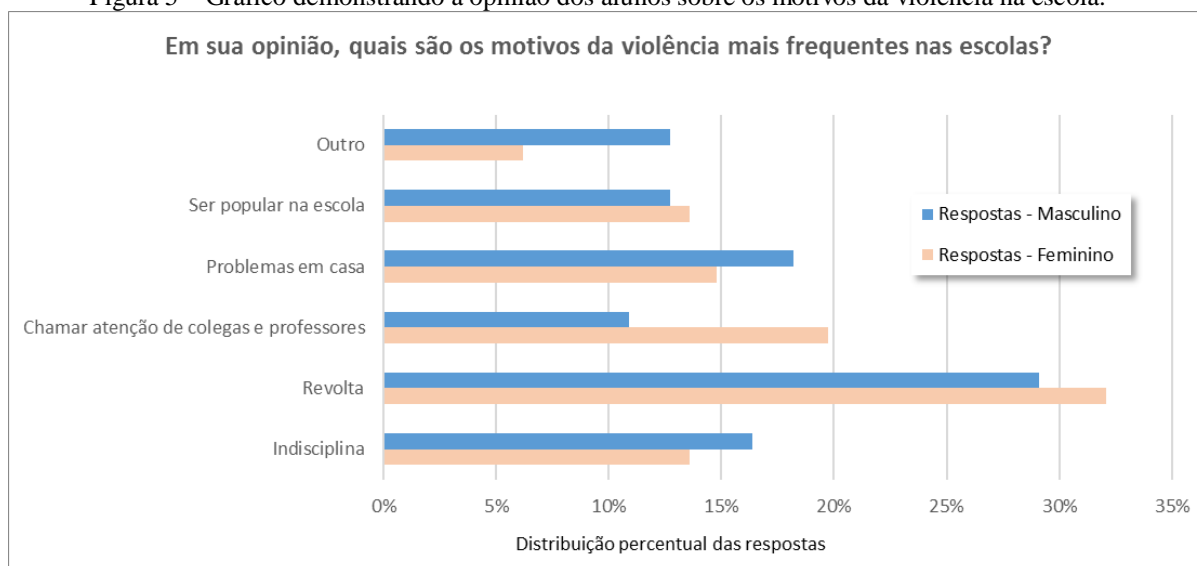
Nesta questão os respondentes puderam optar por marcar todas as respostas, contudo, cabe destacar, além destes resultados apresentados na Figura 4, que somente 23,5% do total de 132 respondentes consideraram que todas as seis opções de distintas formas de manifestações de violência são consideradas por eles como formas de violência. Cerca de 30% assinalaram somente um item como resposta, o que mereceria um melhor aprofundamento até para compreender se de fato os respondentes compreenderam que era possível responder mais de uma resposta. Os demais responderam de forma variada entre duas até cinco alternativas. De forma geral, estes resultados merecem uma análise no sentido de avaliar mais aprofundadamente o porquê os alunos não percebem certos itens como manifestações de violência de fato.

As respostas estratificadas por gênero, de forma geral, não apresentaram grandes discrepâncias. Entretanto, os resultados extremos, ou seja, os de maiores e dos de menores frequência, merecem um destaque nas análises. A partir da Figura 4, verifica-se que o *bullying* é considerado, tanto por meninos quanto por meninas, como uma forma de violência, sendo que foi a alternativa que obteve a maior quantidade de respostas

totalizadas. Por outro lado, e algo que merece uma atenção importante, é o fato de que os itens que receberam as menores quantidades de respostas foram as agressões professor-aluno e aluno-professor. Ainda destaque para o item agressão professor-aluno foi o de menor frequência de respostas. Uma análise possível a ser melhor investigada e tratada seria o fato de que a autoridade do professor em sala de aula poderia estar sendo valorizada no sentido de permitir ou conceber o fato de que certas manifestações de violência poderiam ser desconsideradas quando partindo destes atores. Trata-se de um tema que pode suscitar polêmicas interpretativas, e que, por isso, mereceria um melhor aprofundamento e análise.

Ainda como forma de compreender os principais motivadores que causam estas ocorrências de violência no ambiente escolar, foi proposta uma pergunta para que os alunos opinassem sobre este tópico. O gráfico na Figura 5 apresenta estes resultados de forma estratificada por gênero.

Figura 5 – Gráfico demonstrando a opinião dos alunos sobre os motivos da violência na escola.



Fonte: elaborado pela autora.

A partir dos resultados se evidencia que tanto para os meninos, quanto para as meninas, o motivo que mais se configura como causa da violência no ambiente escolar, é o classificado como “revolta”. Para ambos os gêneros esta causa representa, em média, cerca de 31% das causas, 29,1% para os meninos e 32,1% para as meninas. Os demais motivos resultam entre cerca de 10% a 20%. A ordem de respostas por gênero é um fator que pode ser analisada a partir destes resultados. Para os meninos, a ordem do motivador mais frequente para o menos frequente foi: “revolta”, “problemas em casa”, “indisciplina”, “ser popular na escola”, “outros” e, por último, “chamar a atenção de colegas e professores”. Já

para as meninas esta ordem foi: “revolta”, “chamar a atenção de colegas e professores”, “problemas em casa” e “indisciplina” (com o mesmo percentual), “ser popular na escola” e “outros”.

Os meninos apontam que os problemas em casa afetam muito no desempenho deles na escola, configurando-se este um possível causador da violência demonstrada nas escolas. Já para as meninas o motivo que aparece com mais ênfase é o fato de chamarem atenção de colegas e professores. Neste aspecto é possível perceber que existe uma diferença entre as causas das manifestações entre meninos e meninas. A busca pela visibilidade, pela aceitação dos grupos constituídos na escola, pela necessidade de fazer-se notar e pelo status social.

Em “ser popular na escola” ambos os gêneros responderam que este motivo representa, em média, cerca de 13% nas manifestações de violência na escola; enquanto que para o motivo “indisciplina” ambos responderam, em média, cerca de 15%. Neste contexto o autor Garcia (2009, p.513) aponta que “a indisciplina e a violência representam problemas a serem pensados sob a perspectiva ampla dos processos de gestão escolar”. Ressalta ainda que “os problemas de indisciplina e violência, portanto, representam forças que atuam em diversas instâncias do trabalho e projeto educacional das escolas” (p. 514). Corroborando com o autor, os resultados postos, e neste caso sob a perspectiva dos alunos, apontam que cerca de 15% se relacionam diretamente com este motivador, a indisciplina. Por outro lado, caberia ainda um melhor aprofundamento para avaliar o quanto a resposta “revolta” também poderia estar associada direta e ou indiretamente com a indisciplina, ou com uma percepção de falta ou até excesso de disciplina.

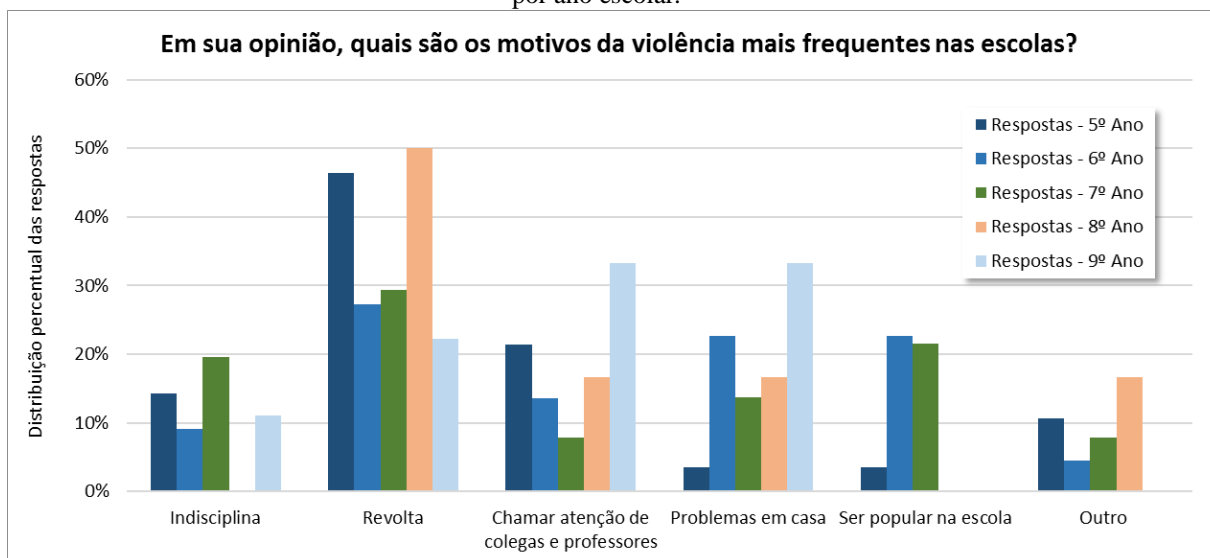
Para os demais motivos, “problemas em casa” e “chamar a atenção dos colegas”, houve uma maior divergência nas respostas por gênero. Em uma análise reflexiva preliminar, este seria um item que mereceria uma maior atenção e até uma investigação mais detalhada para se compreender o porquê destas divergências por gênero, bem como, e especialmente, para buscar estratégias para aprimorar o seu enfrentamento que, neste caso, poderiam até ser distintos por gênero.

Segundo Louro, existem diferenciações no comportamento de meninos e meninas, destacando que:

Observamos, então, que eles parecem "precisar" de mais espaço do que elas, parecem preferir "naturalmente" as atividades ao ar livre. Registramos a tendência nos meninos de "invadir" os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na "ordem das coisas". (LOURO, 1997 p.60).

A partir dos dados coletados foi possível analisar estes mesmos motivadores de forma estratificada por anos escolares, conforme pode ser visto no gráfico apresentado na Figura 6.

Figura 6 – Gráfico demonstrando a opinião dos alunos sobre os motivos da violência na escola estratificado por ano escolar.

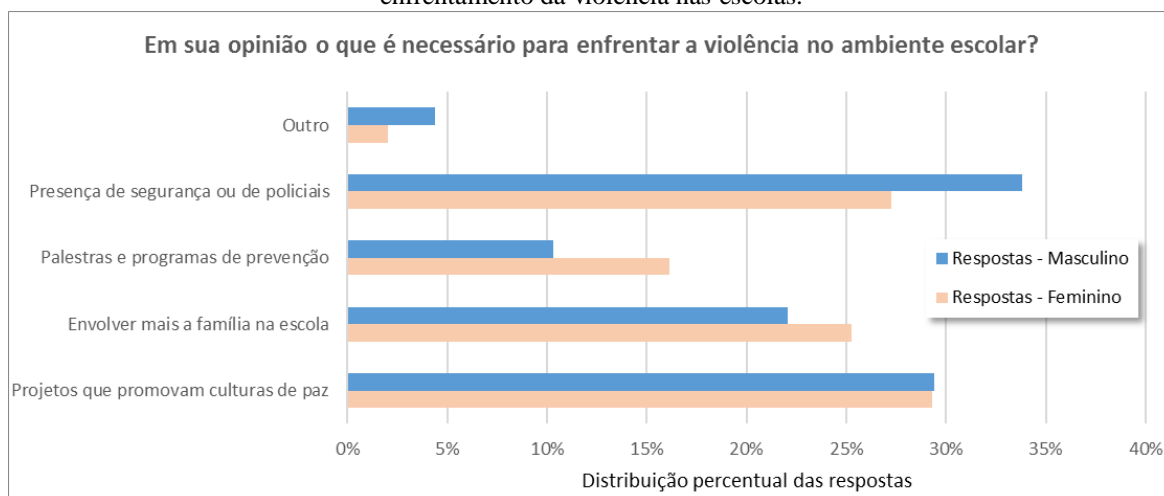


Fonte: elaborado pela autora.

Assim como na Figura 5, é possível perceber que a manifestação que mais se evidencia é “revolta”, porém não se apresenta de forma igual para todos os anos, concentrando-se mais intensamente para os 5º e 8º anos. Para os 6º e 7º anos este motivador ainda se apresenta como o principal, porém com uma intensidade de respostas não tão distintas de outras, como “ser popular na escola e “problemas em casa”. Já para os 9º anos, “revolta” não foi o de maior incidência de respostas. Para estes anos, os motivadores “chamar a atenção de colegas e professores” e “problemas em casa” são os mais frequentes.

Além de análises sobre possíveis causas e os motivadores, o instrumento de pesquisa possibilitou observar as representações dos alunos acerca das possíveis formas de enfrentamento da violência no ambiente escolar. Os resultados estratificados por gênero demonstram divergências em alguns aspectos, como é possível verificar na Figura 7.

Figura 7 – Gráfico demonstrando a opinião dos alunos sobre as ações que consideram necessárias para o enfrentamento da violência nas escolas.



Fonte: elaborado pela autora.

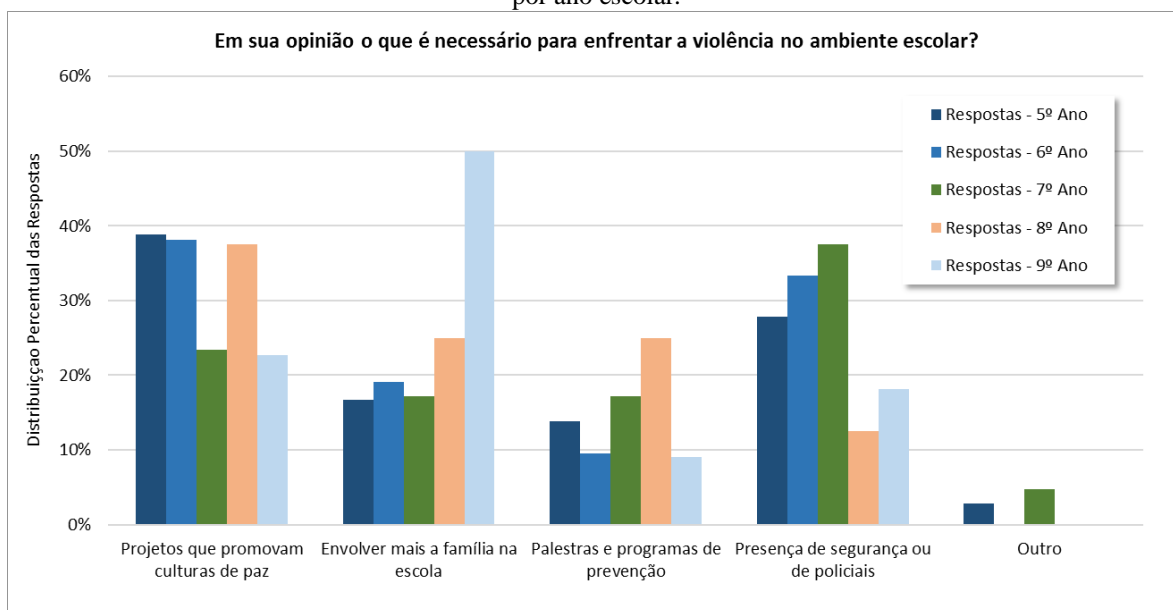
A partir dos resultados do gráfico da Figura 7, verifica-se que os meninos acreditam com maior frequência que para o enfrentamento desta problemática deve-se contar com a presença de seguranças e policiais nas escolas. Já para as meninas esta estratégia não foi a de maior intensidade, contudo também consideram importante.

Ambos os gêneros responderam com uma frequência muito similar, que o desenvolvimento de projetos que promovam culturas de paz, seria uma estratégia a ser considerada no enfrentamento da violência nos espaços educacionais. Destaca-se que, muitas escolas da região estudada, estão adotando estratégias voltadas a programas de prevenção e fortalecimento de questões relacionadas à violência e culturas de paz. Uma destas iniciativas está sendo desenvolvida pelas CIPAVes (Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência escolar) que promovem trabalhos de prevenção da violência escolar, bem como círculos de paz que são desenvolvidos nas escolas voltados para os alunos, professores e funcionários. Nodari (2011, p.18) define como “urgente” tratar sobre o tema da cultura de paz, pois no sistema educacional existem fatores internos e externos de muita complexidade que envolvem o ato de educar.

Ainda, as meninas destacam com maior intensidade que os meninos, a importância de envolver mais a família na escola. Também indicam que palestras e programas de prevenção são importantes. Já os meninos não trazem este com a mesma importância.

Quando analisado o que é necessário para enfrentar a violência, considerando o cruzamento dos anos escolares em que estes alunos se encontram matriculados, há posicionamentos divergentes que refletem o contexto de maturidade, conforme demonstra a Figura 8.

Figura 8 – Gráfico demonstrando a opinião dos alunos sobre os motivos da violência na escola estratificado por ano escolar.



Fonte: elaborado pela autora.

Por meio do gráfico na Figura 8 é possível perceber que as respostas dos 9º anos se destacam das demais, especificamente quanto à proposta de maior envolvimento da família na escola. Este mostra-se um indicador importante, pois a relação família x escola parece estar fragilizada por diversos aspectos. Dessen e Polonia (2007), referem que:

Os laços afetivos, estruturados e consolidados tanto na escola como na família permitem que os indivíduos lidem com conflitos, aproximações e situações oriundas destes vínculos, aprendendo a resolver os problemas de maneira conjunta ou separada. (Dessen e Polonia, 2007, p.27).

Ainda, os mesmos autores apontam que “No tocante à colaboração escola-família, é importante enfatizar a necessidade de estruturar atividades apropriadas à série do aluno, particularmente em se tratando da participação dos pais no seu acompanhamento”.

Diante disso é possível perceber que ambas as instituições, escola e família, sentem dificuldades em estabelecer esta relação, os limites a sobreposições de atuação de cada uma. Importante destacar que o filósofo Kant, em sua obra “Sobre a Pedagogia”, já destaca que a escola e a família são a base para a formação do “homem pacífico” e que a família é a base da formação do indivíduo, devendo educá-lo com disciplina para que ao longo de sua vida através de seus atos vise a paz, ou seja, os pais devem dar o exemplo as suas crianças.

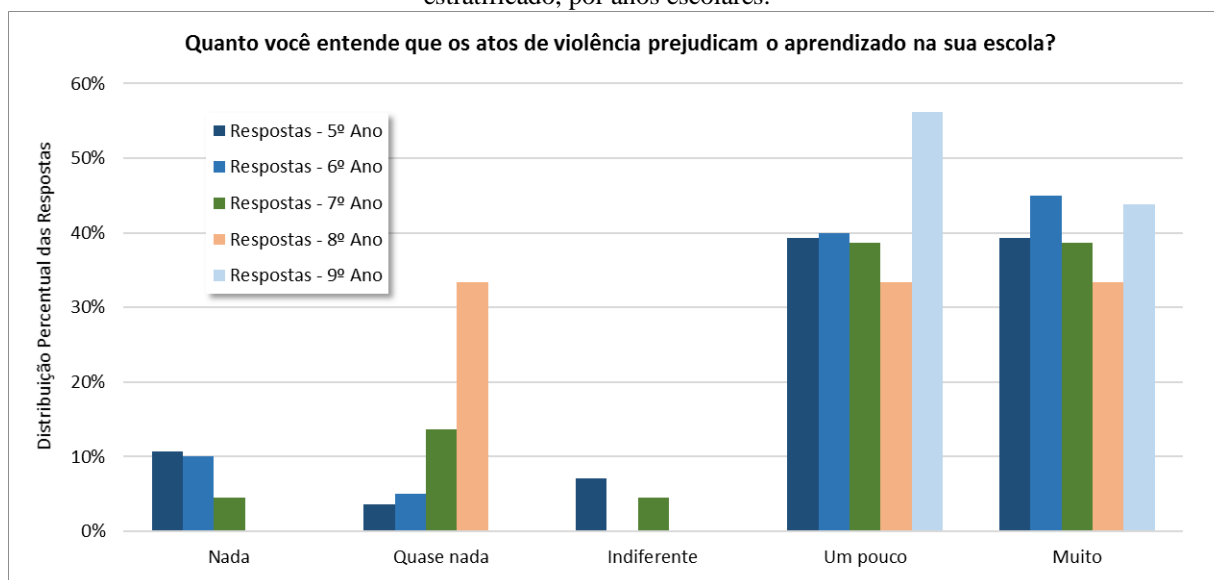
Ainda a respeito dos resultados apresentados na Figura 8, percebe-se que para os alunos dos 5º e dos 6º anos o que mais aparece com mais intensidade são os projetos que promovam culturas de paz. Já para os alunos dos 7ª anos é a necessidade da presença de

seguranças ou de policiais nas escolas. Para os alunos dos 8º anos, a prioridade volta-se novamente, juntamente com os alunos dos 5º e 6º anos, aos projetos que promovam as culturas de paz.

De forma geral, percebe-se que os dados não apresentam uma linha crescente em relação aos anos escolares. Os posicionamentos variam bastante até mesmo nos mesmos anos e idades, pois cada indivíduo sente de uma forma diferente estes aspectos, que variam de acordo com as experiências individuais. Conforme já referido anteriormente, os alunos têm vivido isso com a presença da CIPAVE na escola, por meio de palestras, programas integrados com outras áreas, com foco na implementação da cultura de paz nas escolas. Este fator pode ser uma justificativa para o fato de que este tema se apresenta mais destacado para alguns alunos e alguns anos escolares de forma mais evidente do que para outros.

Por fim, outro resultado que se mostrou relevante para compor estas análises é o quanto os alunos consideram que a violência prejudica o seu aprendizado na escola. Estes resultados estão resumidos no gráfico da Figura 9, estratificado por anos escolares.

Figura 9 – Gráfico demonstrando a declaração sobre o quanto a violência prejudica o aprendizado na escola estratificado, por anos escolares.



Fonte: elaborado pela autora.

A grande maioria dos alunos consultados considera que aspectos relacionados à violência nas escolas prejudicam “um pouco” e “muito” seus aprendizados. Porém, ainda nesta análise um resultado que chama a atenção pelo fato de destoar de forma significativa, é que para grande parte dos alunos dos 8º anos estes aspectos interferem “quase nada”.

Assim, alguns questionamentos apresentam uma necessidade de maior investigação como: O que estaria influenciando essas percepções? Que vivências estes adolescentes têm diante dos percursos e rotas da violência na escola?

O que causa estranheza nestes dados é que alguns alunos dos 5º, 6º e 7º anos relataram que atos de violência não interferem em “nada” ou “quase nada”. Diante disso é importante elencar algumas possibilidades para esta percepção. Ou estes alunos não associam a violência como algo negativo, ou não a sentem em suas escolas, ou ainda não consideram alguns atos como manifestações de violência por tratar-se de algo “normal” no cotidiano destes adolescentes. Outra possibilidade é que a escola não trabalhe o tema e que, assim, os alunos não consigam associar a violência neste ambiente com o que é trabalhado em sala de aula pelos professores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto do que foi apresentado é possível ousar em algumas formulações diante dos dados coletados nestas escolas, pois são diversas as possibilidades e inquietações que estes resultados suscitam, configurando-se como um terreno fértil para análises e percepções a partir da visão dos alunos.

Foi possível constatar por meio dos resultados apresentados, que as meninas foram as que mais participaram da pesquisa e este fato pode ser decorrente de um maior interesse por parte deste gênero. Já os resultados dos meninos apontam para uma tendência de que as manifestações de violência podem estar de certa forma internalizadas, não representando para eles uma violência em si. Estes são dois pontos de destaque extremos por gênero, que merecem um aprofundamento das pesquisas.

Outra possibilidade é que haja uma diferenciação por gênero nas percepções de quem sofre mais com a violência. As meninas referem, com maior intensidade, que ambos sofrem com a violência no ambiente escolar; já os meninos referem que são eles os que mais sentem estes aspectos.

A participação mais intensa da família na escola, elencada pelos próprios alunos nas respostas, de alguma forma expressa a necessidade de um estreitamento de vínculos e um trabalho em conjunto entre estas duas importantes instituições.

É possível ainda inferir a necessidade de que a escola esteja mais próxima da sociedade e da realidade em seu entorno. Esta construção em conjunto tende a produzir

boas discussões, amadurecimento de ideias e constituir uma nova consciência que contribui para a clareza e fornece subsídios para compreender o processo como um todo.

Diante disso, dedicar-se a investigar e analisar as representações que os alunos externam sobre assuntos que afetam a eles e a toda a sociedade, são de extrema importância para que seja possível compreender um pouco mais destas manifestações expressadas muitas vezes por meio da violência.

Por fim, considerando os objetivos propostos para este trabalho que foram o de mapear a violência e seus impactos em escolas municipais de ensino fundamental em um município da Serra Gaúcha, tomando por base a percepção dos alunos, considera-se que os mesmos foram cumpridos no sentido de contribuir para que se busque uma melhor e mais ampla compreensão acerca do fenômeno da violência escolar, que permita intercruzamentos futuros com outras variáveis relevantes.

Assim, entende-se que este trabalho contribui para suscitar e aprimorar discussões acerca da violência no ambiente escolar, agora com uma análise centrada nas opiniões e percepções daqueles que se pode afirmar que são os principais atores nestes processos, os próprios alunos, por vezes agressores e por vezes agredidos.

REFERÊNCIAS

CESCON, Everaldo; NODARI, Paulo César. **Filosofia, ética e educação: por uma cultura de paz**. São Paulo: Paulinas, 2011. 454 p.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença**. Cad. Pesqui. 2002, n.116, p. 245-262. ISSN 0100-1574.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, Abr. 2007.

GARCIA, Joe. **Indisciplina e Violência nas escolas: algumas questões a considerar**. Rev. Diálogo Educ, Curitiba, v.9, n.28, p.511-523, set./dez, 2009.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 3.ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, 2002. 107 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179p. ISBN 8532618626.

MINAYO, Maria Cecília de; SOUZA, E. R. **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva**. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 4, n. 3, p. 513-531, 1998.

PIGATTO, Jaime. **A docência e a violência estudantil no contexto atual**. Ensaio: aval. Pol.públ. Educa, Rio de Janeiro, v.8 n.67, p.303-324, abr./jun.2010.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **A violência na escola: Conflituosidade social e ações civilizatórias**. Educação e Pesquisa, São Paulo. V.27, n.1, p. 105-122, jan./jun.2001.